



MUSEU BANCO
DE MOÇAMBIQUE



ENTRE MEDAS & ARTES



Índice

- 03** | Editorial
- 04** | Museu em movimento
- 06** | Património em destaque
- 07** | Caminhos do dinheiro
- 10** | Exposição Temporária
- 11** | Exposição Permanente
- 13** | Agenda cultural

EDITORIAL

Nesta terceira edição da Newsletter Entre Moedas & Artes partilhamos um trimestre marcado pela aprendizagem, pela valorização do património e pelo encontro entre diferentes expressões culturais.

Ao longo destas páginas, propomos um percurso por iniciativas educativas, memórias ligadas ao património monetário e diferentes manifestações artísticas e literárias. Da história da moeda às artes visuais e à palavra escrita, cada tema abre novas possibilidades de descoberta e reflexão, reafirmando o Museu como um espaço vivo, aberto ao diálogo e à construção do conhecimento.

Entre história, arte e palavra, esta edição convida-nos a olhar para o património como um elemento vivo, capaz de preservar memórias, estimular novas leituras e reforçar a valorização da identidade cultural moçambicana.

Convidamo-lo a descobrir as histórias reunidas nesta edição e a continuar connosco nesta missão de conhecer, preservar e partilhar.

Desejamos-lhe uma leitura enriquecedora!

MUSEU EM MOVIMENTO

Nos meses de Junho, Julho e Setembro de 2026, o Museu acolheu alunos de onze escolas públicas em sessões educativas concebidas para promover a aprendizagem, a reflexão e a expressão criativa. As actividades decorreram em dois formatos complementares: palestras e oficinas e ateliês.

Integrada no Plano Anual de Actividades Educativas do Museu, a iniciativa permitiu aos alunos aprofundar os conhecimentos sobre educação financeira, a história do Metical.

As oficinas e os ateliês proporcionaram ainda um espaço de expressão criativa, permitindo aos alunos comunicar emoções, necessidades, interesses e expectativas através de diferentes recursos artísticos.





PATRIMÓNIO EM DESTAQUE



Prensa Manual

Muito antes da digitalização dos processos administrativos, equipamentos como a prensa manual desempenhavam um papel importante na organização e conservação de documentos. Utilizada em trabalhos de encadernação e blocagem – processo que permite unir folhas pela aplicação de cola numa das extremidades – permitia compactar, alinhar e fixar folhas, contribuindo para a produção de livros, registos e outros impressos.

Em Moçambique, esta prensa integrou a rotina de trabalho do Banco Nacional Ultramarino e, após a criação do Banco de Moçambique, em 1975, continuou ligada à actividade da nova instituição. Num período em que grande parte da informação circulava em papel, equipamentos como este eram importantes para preparar, organizar e conservar livros, registos e outros impressos utilizados na actividade bancária. A sua história acompanha, assim, uma importante transição institucional do País.

Doada pelo Millenium BIM e actualmente preservada no Museu Banco de Moçambique, a prensa manual é hoje mais do que um antigo instrumento de trabalho. É um testemunho material da evolução dos métodos de produção e conservação documental no sistema bancário moçambicano.

Peças como esta recordam-nos que a história de uma instituição também se escreve através dos objectos que, silenciosamente, fizeram parte do seu dia-a-dia.

CAMINHOS DO DINHEIRO

Nas edições anteriores de Caminhos do Dinheiro, vimos que, muito antes das moedas, diferentes bens serviam para facilitar as trocas. Primeiro, produtos locais; depois, mercadorias que viajavam pelas grandes rotas comerciais do Oceano Índico.

Entre os bens com maior relevância destacavam-se o ouro, o marfim, as missangas, os tecidos e o cauri. Para além do seu valor económico, estes produtos passaram também a desempenhar funções de troca, sendo utilizados em transacções comerciais e relações sociais marcadas por prestígio, poder e reconhecimento.

Mas quando começaram as moedas metálicas a fazer parte desta história?

A transição não aconteceu de um momento para o outro. Durante algum tempo, a moeda-mercadoria e a moeda metálica coexistiram em Moçambique, à medida que esta última ganhava espaço nos principais centros comerciais.

As primeiras moedas destinadas a Moçambique terão sido cunhadas em Goa, em 1645, e novamente em 1683. O seu valor devia ser pago ao Governo da Índia em ouro e marfim. Apesar das referências à sua emissão, estas moedas permanecem, até hoje, desconhecidas.

1725

Um marco na história monetária

Um momento particularmente importante ocorreu em 1725, durante o reinado de D. João V, quando foram autorizadas moedas de cobre destinadas a Moçambique, nos valores de 10, 15 e 30 réis. Pequenas no tamanho, mas grandes no significado, estas moedas traziam as armas do Reino e as letras "ME", que correspondiam à primeira e à última letra de Moçambique, um pormenor que ainda hoje permite identificar o território a que se destinavam.



Anverso e verso da moeda em cobre de 10 reis

CAMINHOS DO DINHEIRO



Anverso e verso da moeda em cobre de 30 reis



Anverso e verso da moeda em cobre de 30 reis

Moedas que também viajavam

Contudo, ter moedas destinadas a Moçambique não significava que apenas elas circulassem no território. A ligação às redes comerciais do Oceano Índico trouxe consigo moedas de diferentes proveniências. Rupias, xerafins e bazarucos, associados ao espaço monetário indiano, encontram-se entre as moedas que circularam em Moçambique em diferentes períodos.



Rupias indianas que circularam em Moçambique



Bazaruco - moeda indiana que circulou em Moçambique



Xerafim - moeda indiana que circulou em Moçambique

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

José Pádua continua em destaque

Após o destaque dado na edição anterior da Newsletter, a exposição temporária dedicada a José Pádua continua patente ao público no Museu foi prorrogada até 14 de Novembro, proporcionando aos visitantes uma nova oportunidade de conhecer, visitar e apreciar o percurso criativo deste importante artista.

Esta prorrogação reforça o compromisso do Museu com a valorização das artes visuais, a promoção do acesso à cultura e a divulgação do património artístico junto de diferentes públicos.

José Pádua distingue-se por uma trajectória marcada pela dedicação à criação artística e pela valorização das identidades culturais. As suas obras evidenciam uma apurada capacidade de observação da sociedade, traduzida, através de formas, cores e composições, numa profunda ligação à memória, ao património, à identidade cultural e às vivências colectivas.

Durante o período de exposição, o público é convidado a descobrir ou redescobrir o universo criativo de José Pádua, numa mostra que convida a contemplação, ao diálogo e à reflexão sobre a riqueza e a diversidade das expressões artísticas moçambicanas.



EXPOSIÇÃO PERMANENTE



Jogos Africanos: uma obra de Malangatana

É difícil permanecer indiferente diante de Jogos Africanos, uma das obras de Malangatana Valente Ngwenya que integram a exposição permanente do Museu Banco de Moçambique. Pela sua dimensão, intensidade visual e linguagem artística, a pintura ocupa um lugar de destaque na área central da exposição e destaca-se de imediato aos olhos de quem a contempla.

Executada entre 1963 e 1964, em painéis de madeira prensada, Jogos Africanos resultou de um concurso promovido pelo Banco Nacional Ultramarino para a criação de obras destinadas à sua nova sede, em Lourenço Marques, que contou com a participação de vários artistas plásticos, de entre eles: Araújo Soares, Bertina Lopes, Dana Michahelles, João Ayres, João Paulo, Jorge Garizo do Carmo, José Freire e José Pádua.

Malangatana, então numa fase inicial da sua carreira, distinguiu-se pela originalidade da composição, pela riqueza simbólica e pela força expressiva da sua proposta.

Na obra, o jogo ultrapassa a ideia de simples divertimento e assume significados ligados à convivência colectiva, à memória, ao ritual, à sobrevivência e à resistência. Figuras humanas, rostos expressivos e uma intensa ocupação do espaço criam uma composição marcada pelo movimento e pela participação comunitária.

Hoje, Jogos Africanos constitui não apenas um testemunho do percurso artístico de Malangatana, mas também um importante marco da valorização da arte moçambicana e da identidade cultural nacional.

AGENDA CULTURAL

Em exibição: até 14 de Novembro



Horário:

Das 10 às 17 horas (terças, quintas e sábados)



MUSEU BANCO DE MOÇAMBIQUE

Ficha Técnica

Título: Entre Moedas & Artes

Edição: N.º 3 | Outubro 2026

Periodicidade: Trimestral

Edição e propriedade: Museu Banco de Moçambique

Coordenação editorial: Gabinete de Comunicação e Imagem

<https://www.bancomoc.mz/pt/media/museu/>